



Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 9 - Ano 5 - Nº 9 - Janeiro / 2017
<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612
www.artezen.org

OFICINA

23 – UBUNTU: ALTERIDADE EM GRUPOS DE ARTETERAPIA

Larissa Seixas¹

RESUMO

A Oficina *Ubuntu: Alteridade em Grupos de Arteterapia*, apresentada no 12º Congresso Brasileiro de Arteterapia, partiu da necessidade de proporcionar a vivência e a compreensão do quanto a ancestral filosofia africana pode estar presente em grupos de arteterapia como facilitadora da manifestação do arquétipo da Alteridade por meio do processo criativo. Em síntese, o sentimento de pertencimento (Ubuntu) viabiliza a manifestação saudável do arquétipo relacional (alteridade) em grupos de arteterapia por meio do processo criativo.

Palavras-chave: Processo criativo. Grupos de Arteterapia. Alteridade. Ubuntu.

OBJETIVOS

Possibilitar uma maior atenção às relações interpessoais em grupos de Arteterapia e o crescimento psíquico dos seus integrantes, por meio do processo criativo e da manifestação da Alteridade facilitada pela ética e filosofia ancestral africana, Ubuntu.

Proporcionar a vivência de uma dinâmica que englobe diversas expressões plásticas e materiais como: pintura com tinta acrílica sobre papel, colagem com figuras previamente selecionadas e revistas avulsas, desenho com lápis e lápis de cor, que irão estimular a criatividade, a autoexpressão e a partilha das percepções e emoções que surgirem durante e após as produções a partir de tema específico.

Proporcionar por meio dessa dinâmica, o sentimento de pertencimento, empatia e o diálogo entre indivíduos singulares, possibilitando o encontro com a diferença.

INTRODUÇÃO

Cada indivíduo possui singularidades e vivências

personais e únicas. Não é difícil perceber que cada um processa e analisa aquilo que conhece a partir da sua própria ótica, de forma particular e única, embora parcial e incompleta. A sua experiência de vida, a maneira como foi criado farão parte das suas relações intrapsíquicas e interpessoais. Esse movimento, muitas vezes, pode gerar conflitos, intolerância, indiferença e isolamento.

Devido a essas dificuldades, as relações precisam ser revisitadas numa tentativa de atualização, com o intuito de proporcionar uma vida coletiva mais saudável e plena com um olhar mais aberto para a diferença. A intolerância ao Outro, geralmente é fruto da inflexibilidade e rejeição dos diferentes aspectos, bizarros e estranhos que habitam em cada indivíduo. São as esquisitices não aceitas e escondidas no lado obscuro e sombrio. Distante internamente dos seus “fantasmas” o indivíduo afasta-se de tudo aquilo que não compreende em si-mesmo e no Outro, comprometendo o diálogo e o equilíbrio.

¹Larissa Seixas – Arteterapeuta (ASBART 0029/0804) e Artista Plástica (UFBA). Facilitadora do Programa de Qualidade de Vida/UP/ Petrobras/2007/Oficina de Arte e Criatividade; Terapeuta do Jogo da Caixa de Areia: abordagem analítica (Junguiana) e fenomenológica (Gestalt); Docente da Pós-Graduação de Arteterapia (IJBA), facilitadora de Grupos de Arteterapia e atendimento individual, coordenadora e docente de Oficinas de Criatividade. Co-autora: “Diálogos criativos entre a Arteterapia e a Psicologia Junguiana”, WAK, 2012; lara.ciranda@terra.com.br; www.cirandarteterapia.com; #oficina_de_criatividade (Instagram).

1 – ALTERIDADE

Refletindo sobre a real necessidade da vivência da Alteridade como também da empatia, do vínculo saudável e profundo em grupos de arteterapia me deparei com a filosofia ancestral africana, Ubuntu.

Nestes referidos grupos, a troca de experiências e partilhas que acontecem durante e após as produções artísticas possuem um lugar especial. Os integrantes à medida que interagem e se relacionam, se autoconhecem e se desenvolvem psicologicamente.

Proporcionar esse movimento nestes espaços terapêuticos é essencial. Para tanto, a manifestação positiva do arquétipo da Alteridade torna-se fundamental.

Alteridade, segundo Maciel e Carneiro (2012, p.199), é a “qualidade que nos permite experimentar o outro diferente de mim, interpessoal ou intersubjetivamente; como complexo, representa a possibilidade de assimilar condições opostas complementares, sem sobreposição ou destruição de nenhuma das partes, mas síntese dialética”.

Alteridade é o Arquétipo relacional. Para a teoria analítica existe um espaço pertencente a todo indivíduo e esse “lugar” foi batizado como inconsciente coletivo. Para Jung, o inconsciente coletivo abriga os arquétipos que são padrões psíquicos que se repetem e são semelhantes em toda humanidade.

Byington, analista pós-junguiano e teórico da Psicologia Simbólica Junguiana refere-se ao mito cristão como um **exemplo genuíno do arquétipo de alteridade**. Para ele o mito cristão possui características da posição dialética de alteridade, demonstrando relações equilibradas e dinâmicas. São três os pontos destacados por Byington (2008, p. 264):

1) “Direitos iguais da expressão entre Ego e o Outro” – todos possuem os mesmos direitos de expressão;

2) “Acolhimento aos oprimidos, ilustrado pelo Sermão da Montanha, que é o protótipo da relação dialética com a Sombra através do Amor” – amorosidade e acolhimento com o rejeitado/diferente (conteúdos inconscientes);

3) “Salvação pelo reconhecimento e arrependimento diante do pecado, da Sombra, que afasta o ser humano de Deus, ou seja, da sua própria integridade” – integração dos opostos.

Segundo Byington (2008), a partir dessa definição de alteridade, aceitar a si mesmo com total entrega, verdade e compaixão faz-se necessário para tornar possível um diálogo com o Outro, e esse Outro tanto pode estar dentro de nós (são nossos conteúdos sombrios/inconscientes) como podem se encontrar naqueles que nos cercam (indivíduos, situações; etc).

Criar condições propícias para o desabrochar desse arquétipo nos grupos arteterapêuticos viabiliza, em seus integrantes, crescimento psíquico e autoconhecimento.

Conforme Bernardo (2008, p. 74), “Abrir-se para ser tocado e afetado pela palavra do outro tem similaridade com o encontro amoroso, conjugando Logos (razão) e Eros (emoção) num movimento fecundo e frutífero, base de nossa criatividade”.

2 - UBUNTU – “Eu sou porque você é”

De acordo com Boff (2013) a África pode ser identificada como arquétipo primal, em um conjunto de marcas impressas na alma de todo ser humano. “Foi na África que este elaborou suas primeiras sensações, onde se articularam as crescentes conexões neurais (cerebralização), brilharam os primeiros pensamentos, irrompeu a criatividade e emergiu a complexidade social que permitiu o surgimento da linguagem e da cultura”.

Nesse contexto surge uma ética ancestral relacionada à Mãe Terra, doadora de vida, generosa em essência. O amor e respeito à Terra e a conexão entre todas as coisas existentes; montanha, florestas, as águas, seres vivos e os ancestrais é a essência da África. Essa interconexão caracteriza a comunidade africana. O respeito a essa comunidade e o sentimento de pertencimento gerado por essa ética ancestral são conhecidos por Ubuntu.

Desde sempre, seja pelos historiadores da Antiguidade (Morgan, 1877) até os estudiosos da modernidade (Ribeiro, 1968), tivemos a tendência de identificar o conceito do progresso com o de desenvolvimento tecnológico. Nessa perspectiva, não havia a menor dúvida, com ou sem etnocentrismo, que as culturas tribais eram mais atrasadas, “bárbaras”, “selvagens” e “primitivas” que as industrializadas. Todavia, quando outros parâmetros que não exclusivamente tecnológicos são eleitos para avaliar o conceito de progresso, como por exemplo, o referencial ecológico, esta noção se modifica e até se inverte radicalmente. Considerando que, na modernidade duas das principais dimensões para avaliarmos o perigo de extinção da nossa espécie são a ecológica e o cooperativismo social, verificamos que as culturas tribais se apresentam como muito mais capazes que as culturas industrializadas (BYINGTON, 2008, p. 139/140).

A Ética africana, conhecida tradicionalmente como sistema de crenças indígenas de matriz Banta, Ubuntu, pode ser traduzida por “humanidade em direção ao outro”.

Para Nogueira (2012, p.148), doutor em filosofia pela UFRG, “a tradução Ubuntu por “humanismo” não nos oferece toda a dimensão da palavra. Em linhas gerais, “nbu” indica tudo o que está ao nosso redor; tudo o que temos em

comum, “ntu” significa a parte essencial de tudo o que existe, tudo o que está sendo e se transformando”.

Humanidade é revelada pela interconexão entre as pessoas pertencentes à comunidade e, segundo o doutor em bioética e filósofo Wanderson do Nascimento (2014), se algo precariza a vida de uma única pessoa poderá precarizar a totalidade da humanidade.

Amplificando o conceito de Ubuntu percebemos que “... ao valorizar a pessoa, as relações harmoniosas entre elas e com os cosmos, na procura de uma harmonia entre o homem e o universo, representa uma alternativa epistemológica que pode contribuir para dar um outro sentido à vida humana e repensar a questão dos direitos humanos a partir de uma perspectiva holística”, comenta Tavares (2009, p. 186).

Assim “eu sou porque você é” também traduz essa filosofia, considerando que eu me formo, me constituo por meio do outro e o outro se constitui por meu intermédio. NÓS SOMOS UM.

3 – ALTERIDADEX UBUNTU: Polaridades complementares!

ALTERIDADE – VIVÊNCIA DA RELAÇÃO DIALÓGICA ENTRE EU E O OUTRO
UBUNTU – VIVÊNCIA DA UNIDADE/RELAÇÃO COM O TODO

Segundo Nascimento (2015), Ubuntu é regido pela empatia ao “todo”, assim tudo é uma co-extensão e como tudo está conectado, não existe o “eu” e o “outro”, apenas “nós”. E quando existe apenas “nós”, não há espaço para a individualidade, sendo assim, não existe “outro” diferente de mim.

Em seu artigo “A comprida sacola que arrastamos atrás de nós”, Robert Blay (2012), traz o seguinte alerta de Marie-Louise von Franz a respeito da sombra de culturas primitivas: “... na verdade, essas culturas tinham sacolas diferentes das nossas e, às vezes, até maiores. Talvez colocassem nelas a individualidade ou a inventividade” (p. 31).

Assim, devido a intensidade do pertencer à comunidade (nós) as qualidades e características individuais talvez fiquem por muito tempo “guardadas na sacola” (inconsciente). As diferenças tornam-se imperceptíveis.

Dessa maneira, uma pergunta ecoa: Como essa filosofia contribui para facilitar as relações dialéticas de alteridade, em grupos de arteterapia?

4 - UBUNTU – ACESSANDO O “NÓS”

O que complementa a percepção das diferenças é a compreensão da unidade e o que falta na unidade são as expressões das

singularidades. Assim, o que irá complementar a vivência da alteridade é o aspecto de unidade e pertencimento existentes na ética africana. Para vivenciar o “NÓS” é preciso compreender a conexão existente entre tudo e todos. Essa percepção nos conduz ao estado de PERTENCIMENTO onde se desenvolve o RESPEITO MÚTUO e a necessidade do COMPARTILHAR. “O que a física quântica e a nova cosmologia dizem acerca da interconexão de todos com todos é uma evidência para o espírito africano” (BOFF, 2013, p. 1).

Resgatar esse “espaço” de conexão e comum a todos, local “sagrado” que pode nos possibilitar a dimensão do pertencimento, facilita, em grupos de arteterapia, a manifestação do arquétipo da alteridade.

Esse arquétipo manifesta-se por meio do diálogo que acontece durante a partilha das percepções, emoções, lembranças e insights que afloram após a conclusão das produções plásticas.

Mas que “espaço de conexão e pertencimento” poderia existir em grupos de arteterapia?

5 - PERTENCIMENTO - PROCESSO CRIATIVO - IMAGEM SIMBÓLICA

Para Ostrower (1977, p. 53), “os processos criativos são estados naturais da humanidade, sendo a criatividade inerente à condição humana”.

Todo ser humano é criador. Criar e simbolizar são estados arquetípicos.

A partir da autoexpressão, possibilitada por meio do processo criativo, imagens simbólicas afloram do inconsciente. A partilha dos conteúdos referentes às imagens facilita o reconhecimento desse “espaço” em grupos de arteterapia.

Compartilhando percepções e emoções, lembranças e dores que surgem a partir destas imagens simbólicas registradas nas produções plásticas, os indivíduos se aproximam, ou se estranham, olhando para si e para o outro, para o que sentem a partir desse encontro e/ou para os sentimentos dos demais integrantes num movimento rico de possibilidades, percebendo com menor ou maior clareza o vivido, o experimentado, porém, aprimorando o entendimento da necessidade do diálogo, da entrega, da empatia. Descobrimo a real necessidade de desenvolver relações de alteridade.

Compreendemos que todos os processos de criação representam, na origem, tentativas de estruturação, de experimentação e controle, processos produtivos onde o homem se descobre, onde ele próprio se articula à medida que passa a identificar-se com a matéria. São transferências simbólicas do homem à materialidade das coisas e que novamente são transferidas para si (OSTROWER, 1977, p. 53).

Ostrower complementa afirmando que “Formando a matéria, ordenando-a, configurando-a, dominando-a, também o homem vem a se ordenar interiormente e a dominar-se. Vem a se conhecer um pouco melhor e a ampliar sua consciência nesse processo dinâmico em que recria suas potencialidades essenciais” (p. 53).

Para nós, esse é o espaço de conexão entre os indivíduos do grupo, onde todos se reconhecem como criadores, dialogam com as imagens configuradas nas expressões plásticas, abrindo espaço, também, para o diálogo com a produção dos demais integrantes do grupo.

O espaço do grupo, se bem trabalhado, preservado e cuidado, funciona como um círculo sagrado... onde, por meio da produção expressiva, estas representações circulares arquetípicas e muitas outras podem ser revividas, relembradas e reativadas. A vivência grupal pode renovar nossa relação ancestral com a forma circular, mandálica, cooperando na restauração do senso de integridade, totalidade e inteireza psíquica e propiciando percepções de proteção e acolhimento, fundamentais na jornada de individuação (PHILIPPINI, 2011, p. 13).

6 - DIALOGAR PARA SE CONHECER

Segundo Malomalo (2010), doutor em sociologia e teólogo congolês, o espaço de diálogo entre todos da comunidade é imprescindível para que os demais valores possam ser preservados e dessa forma, “os profissionais de todos os campos da teologia, das ciências sociais e da natureza, políticos, o homem e a mulher comum, todos devem ser ouvidos”.

A relação dialética de alteridade é acionada quando se torna possível confrontar com as diferenças existentes. O diálogo que surge a partir da partilha das percepções, emoções, lembranças e *insights* é facilitado pela percepção da conexão entre os indivíduos e pelo sentimento de pertencer ao grupo. Esse diálogo facilita o autoconhecimento e o crescimento psíquico dos integrantes dos grupos.

“A dialética de alteridade é extraordinariamente criativa e difícil para o Ego entender, praticar e, mais ainda, manter. Ela necessita, ao mesmo tempo, de uma grande abertura ao novo e simultaneamente de um desapego ao velho que precisa ser ultrapassado. Isso significa o exercício intenso e simultâneo da função estruturante transcendente da imaginação, da função sacrificial e da função ética, condições árduas, mas fundamentais para serem assumidas plenamente no humanismo” (BYINGTON, 2008, p. 266).

Vivenciar o processo criativo compartilhando percepções e sentimentos a partir das imagens

simbólicas, configuradas em materiais diversos, viabiliza a comunicação e a empatia no grupo.

A relação dialética de alteridade poderá acontecer a partir da criatividade e da elaboração dos conteúdos trazidos por meio das imagens registradas nas pinturas, desenhos, colagens, modelagens, construções tridimensionais, criações individuais e coletivas. Todas as produções são visitadas pelos membros do grupo no momento da partilha. Assim é possível perceber aproximações entre as histórias “contadas” pela sua imagem e as imagens dos colegas, se houve ou não identificação com a fala ou emoção vivida pelo outro, se existe respeito ao seu próprio ritmo e o ritmo dos demais, compreendendo, dessa maneira, em que essas trocas acrescentam na sua existência e vice-versa. Isso poderá ser o início de trocas profundas levando a manifestação da alteridade positiva no grupo.

O diálogo imbuído de afetividade e respeito possibilita que os diferentes pontos de vista se comuniquem e complementem. Dessa forma o conhecimento que vai sendo construído a partir das nossas vivências pode ser partilhado, vivificado e amplificado através de todas as nossas relações, voltando-se a integrar o que nunca foi, na verdade, separado: o eu, o outro e o mundo numa mesma rede de relações. Para que esse conhecimento seja veiculado com transparência é preciso que a comunicação facilite a sua transmissão de modo inteligente e emocional, o que permite o crescimento pessoal e coletivo” (BERNARDO, 2008, p. 70).

Segundo Lundin e Nilson (2010, p. 47), Ubuntu começa com o reconhecimento e aceitação do valor de cada ser humano e nesse caso “o primeiro passo para fazer Ubuntu nascer é descobri-lo dentro do coração”.

Ouvir com coração, segundo Bernardo (2012), significa ouvir sem críticas ou julgamentos, recebendo o que está sendo compartilhado como algo sagrado e precioso. Esse processo possibilita, a cada integrante, desenvolver a dignidade humana e o respeito às diferenças, reconhecendo-se a partir das mesmas, vivenciando dessa maneira a manifestação do arquétipo de alteridade.

Exercitar essa dinâmica em grupos de arteterapia poderá facilitar a propagação dessa vivência em outros grupos (profissionais, familiares, sociais, etc), desenvolvendo a qualidade entre as relações interpessoais. Afinal “Os efeitos egoístas do individualismo destroem as antigas solidariedades” (MORIN, 2013, p. 25/26).

7 - SOBRE O PROCESSO CRIATIVO

“Criar é tanto estruturar quanto comunicar-se, é integrar significados e transmiti-los” (OSTROWER, 1977, p. 142).

Para Alessandrini, criar

é florescer de imagens... desinibidas, subjetivas, fluidas. O processo criativo é o processo de mudança, desenvolvimento e evolução na organização da vida interior, mas a jornada do Ser "si mesmo" não é simples: descobrir um ser criativo dentro de você significa trilhar um caminho. E, muitas vezes, a beleza dessa construção interna vem carregada de coragem, emoção, sentimento e lágrimas que emergem diante de nossos próprios bloqueios e resistências. É importante desenvolver uma atitude de força criadora diante do que nos provoca dor ao florescer à consciência (ALESSANDRINI, 1999/2000, p.33).

Entrar em contato com imagens que afloram do inconsciente não é tarefa fácil, é, muitas vezes, uma tarefa bem dolorosa devido à intensidade da emoção e do conteúdo que emergem. É necessário muita confiança e entrega para compartilhar suas dores, anseios, memórias e percepções. Isso nem sempre acontece de forma tão direta e profunda, nem é preciso acontecer. O fato de entrar em contato com essas demandas e estar inserido em um grupo no qual o indivíduo se sinta pertencente e acolhido já irá proporcionar segurança e bem-estar e, talvez, coragem para lidar com tais conteúdos emergentes.

Apesar dos bloqueios e resistências existentes, o processo criativo facilita o autoconhecimento e o crescimento psíquico à medida que nos coloca na posição de observador de nós mesmos. A reflexão e contemplação diante da produção plástica proporciona consciência em direção à mudança.

Assim, "É preciso coragem para este mergulho interno onde desvendaremos muitas dores, surpresas, memórias, vazios que precisam ser preenchidos com o entendimento necessário" (SEIXAS, 2012, p. 100).

8 - A OFICINA

A Oficina *UBUNTU: ALTERIDADE EM GRUPOS DE ARTETERAPIA* foi oferecida durante o 12º Congresso Brasileiro de Arteterapia. Inicialmente tivemos uma vivência onde todos os participantes interagiram por meio de criações de histórias e expressões plásticas. As produções tiveram como tema e inspiração um livreto (versos e ilustrações da arteterapeuta) e as expressões plásticas foram realizadas livremente. Os materiais utilizados foram escolhidos pelos integrantes (figuras e imagens para colagem, pintura com tinta acrílica e desenho com lápis de cor).

Todos tiveram oportunidade de falar sobre suas percepções a partir de um tema em comum e vivenciar semelhanças e diferenças entre os diversos olhares. Essa vivência proporcionou

sincronicidades, o que viabilizou o sentimento de unidade entre todos.

A segunda parte do trabalho aconteceu com apresentação de *slides* abordando a temática em questão.

Ao final, a roda fechou o trabalho, símbolo mandálico da união, equilíbrio e centramento, alguns se colocaram lendo seus poemas e histórias criadas durante todo o processo.

A oficina foi apresentada durante duas horas.

CONCLUSÃO

O Complexo Criativo é o berço, a matriz, que impulsiona o processo de Individuação de cada indivíduo inserido em grupos de Arteterapia.

As imagens simbólicas, fruto da criatividade humana, podem ser configuradas por meio de diversas técnicas e expressões plásticas como o desenho, a pintura, a modelagem, a colagem, criação de contos e máscaras, movimento corporal, etc. Essas expressões realizadas em grupo e compartilhadas pelo mesmo, geram a percepção de pertencimento mobilizando a empatia e o diálogo entre seus integrantes, devido aos temas arquetípicos emergentes. Isso facilita a manifestação do arquétipo de alteridade, que possibilita a relação dialética consigo mesmo e com o Outro.

Dessa forma, o processo criativo se apresenta como espaço sagrado, de pertencimento e unidade em grupos de Arteterapia. Correlacionamos esse sentimento de pertencimento e empatia com a ancestral filosofia africana conhecida por Ubuntu, cuja principal característica é a interconexão entre tudo o que existe. Cabe ao arteterapeuta ser o facilitador do processo, atento às singularidades individuais e às relações que acontecem durante a partilha.

Resgatar essa filosofia é resgatar a valorização do humanismo, a relação harmoniosa entre o indivíduo, o cosmo e a Natureza.

REFERÊNCIAS:

ALESSANDRINI, Cristina Dias. Criatividade na Educação para a Paz. Arte Terapia: Reflexões. In. **Revista do Departamento de Arteterapia do Instituto Sedes Sapientiae**, Ano IV, n° 3. 99/2000.

BERNARDO, Patrícia Pinna. **A Prática da Arteterapia** – correlações entre temas e recursos, vol1. São Paulo: Editado pela autora, 2008.

BLY, Robert. A comprida sacola que arrastamos atrás de nós. In: ZUWEIG, Connie e ABRAMS, Jeremiah (Orgs.). **Ao Encontro da sombra** - o potencial oculto do lado escuro da natureza humana. Cultrix: São Paulo: 2012.

BOFF, Leonardo. **Por que no meio da dor os negros, dançam, cantam e riem.** Disponível em: <http://m.jb.com.br/lion...ancam-cantam-e-riem/Jornal do Brasil>. Acessado em 06/12/2016.

BYINGTON, Carlos Amadeu Botelho. **A Psicologia Simbólica Junguiana – A viagem de humanização do cosmos em busca de iluminação.** São Paulo: Linear B, 2008;

MACIEL, Carla e CARNEIRO, Celeste (Orgs.). **Diálogos criativos entre a Arteterapia e a Psicologia Junguiana.** Rio de Janeiro: WAK, 2012.

LUNDIN, Stephen; NILSON, Bob. **UBUNTU – Eu sou porque nós somos.** São Paulo: Saraiva, 2010.

MALOMALO, Bas'illele. **Eu só existo porque nós existimos;** a ética Ubuntu. In: SBARDELOTTO, Moisés. Disponível em www.ihuonline.unisinos.br/index. Acessado em 5/12/2016.

MORIN, Edgar. **A VIA - para o futuro da humanidade.** Rio de Janeiro: Bertran Brasil, 2013.

NASCIMENTO, Wanderson Flor do. **V Seminário Presença Africana no Brasil,** Curitiba: 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WmPdMdkkww>. Acessado em: 08/12/2016.

Filosofia Africana e Ensino da Filosofia, UnBTV, 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Gzltm2hk8qo> Acessado em: 8/12/2016.

NOGUERA, Renato. Ubuntu como modo de existir: Elementos gerais para uma ética afroperspectivista, In: **Revista ABPN (WEB)**, v. 3, nº 6, nov. 2011/ fev. 2012.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e Processos de Criação.** Rio de Janeiro: LTDA, 1977.

PHILIPPINI, Angela. **Grupos de Arteterapia, Redes Criativas para Colorir Vidas.** Rio de Janeiro: WAK, 2011.

SEIXAS, Larissa Martins. Encantando Arteterapeutas. In: **Diálogos criativos entre a Arteterapia e a Psicologia Junguiana.** MACIEL, Carla e CARNEIRO, Celeste (Orgs.). Rio de Janeiro: WAK, 2012.

TAVARES, Manuel. Recensão: EPISTEMOLOGIA DO SUL. SANTOS, Boaventura de Sousa e MENESES, Maria Paula (Orgs.). (2009) (532.pp). In: **Revista Lusófona de Educação**, v.13, n. 13 (2009). Coimbra: Almedina. Disponível em: <http://revistas.ulusofona.pt> Acessado em 11/12/2016.